

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **GUIMARÃES 2012. CAPITAL EUROPEIA DA CULTURA.**

CRUZ, Luís Braga da

Ano: 2014-2015 | Número: 124-125

---

### **Como citar este documento:**

CRUZ, Luís Braga da, Guimarães 2012. Capital Europeia da Cultura. *Revista de Guimarães*, 124-125 Jan.-Dez. 2014-2015, p. 71-74.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## GUIMARÃES 2012 CAPITAL EUROPEIA DE CULTURA

---

Luís Braga da Cruz<sup>1</sup>

A Sociedade Martins Sarmento procedeu bem quando decidiu fazer uma avaliação da iniciativa europeia para a dinamização cultural dos seus territórios urbanos, que em 2012 escolheu Guimarães como Capital Europeia de Cultura. Sendo a Europa um espaço diverso e variado e sendo a Cultura o domínio da manifestação humana menos uniforme, uma capital europeia cultural não pode deixar de ser um intenso campo de criatividade e de inovação.

Mas Cultura tanto é o repositório da aventura do espírito humano num dado território, como a expressão da criação dos seus cidadãos, ao sabor do momento em que o homem vive, reflete e actua. No primeiro caso temos uma visão da Cultura de natureza mais patrimonial, tanto material como imaterial. No segundo, estamos no domínio mais contemporâneo, mais experimentalista, com mais forte ênfase na criação, na performance e na racionalidade. É certo que todas as épocas tiveram a sua contemporaneidade, ou seja, os seus criadores e artistas de espírito mais inovador e disruptivo em relação aos padrões estéticos e estilísticos que pareciam estar estabilizados ou que correspondiam ao gosto da época. Acontece que hoje o fenómeno contemporâneo se generalizou, sobrevalorizando a inovação em relação à exploração dos padrões estabelecidos.

Em cada época os agentes da mudança ficaram consagrados como inovadores. Hoje, tudo se passa de uma forma mais célere e impiedosa, tornando-se mais complexo e difícil distinguir a qualidade criativa e, dentro da novidade, esclarecer aquilo que verdadeiramente tem

---

<sup>1</sup> Presidente do Conselho de Fundadores da Fundação de Serralves  
[lcruz@serralves.pt](mailto:lcruz@serralves.pt)

condições para subsistir no tempo e ao olhar crítico da sociedade mais treinada a distinguir o que é genuíno, inovador e que merece ser consagrado para o futuro como contributo cultural desse tempo.

Esta mudança acelerou-se sobretudo a partir do século XIX, momento em que Portugal se isolou da Europa, se virou sobre si mesmo, perdeu ambição e não foi capaz de absorver as mudanças operadas pelas revoluções ideológicas e tecnológicas, que também abriram novas condições para a Cultura. Os criadores culturais, aqueles que tiveram oportunidade de viajar e de se aproximar dos centros mais dinâmicos da Europa, foram escassos ou morreram jovens.

O desafio que se colocou a Portugal, em 1986, quando da adesão ao projecto europeu, enquadra-se no fim de um ciclo de cerca de 500 anos em que Portugal andou em diáspora pelo mundo. Se a revolução de 1974 corresponde ao definitivo retorno de Portugal ao estreito rectângulo europeu, 1986 significa a reintegração num domínio de identidade de que nunca nos poderíamos considerar avessos. Portugal é território europeu, faz parte de uma matriz cultural comum e de uma civilização, dita ocidental. Por isso, pode aspirar a ter um contributo muito activo para a construção de uma Europa culturalmente diversa e com interesse para o conjunto europeu.

Por definição, a iniciativa das capitais europeias da Cultura destina-se a valorizar a riqueza e a diversidade da cultura na Europa, numa preocupação de partilhar experiências e formas de vida distintas. Mas tem também expressa a vontade de aumentar o sentido de pertença a um espaço cultural comum e assim contribuir para a concretização do superior desígnio de uma cidadania europeia. Por outro lado, é sabido que a Cultura tem retorno económico. Muitas instituições esforçaram-se por quantificar o valor económico das suas iniciativas culturais, aplicando metodologias de avaliação dos impactos económicos directos, indirectos e induzidos pela sua actividade cultural. Os resultados são surpreendentes e fazem crer que, para além da Cultura fazer bem ao espírito e contribuir para o equilíbrio de cada um na sociedade que nos rodeia, também pode contribuir para o crescimento do PIB e do emprego, bem como, gerar volume fiscal não desprezável<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> *Impacto Económico da Fundação de Serralves - Relatório Final*, Fundação de Serralves, Coordenação Geral do Projeto: Porto Business School, Fevereiro de 2013.

Da mesma forma, a União Europeia também pretende que a Cultura seja agente de desenvolvimento das cidades, elevando o seu perfil internacional, melhorando a sua imagem perante os seus próprios habitantes e que seja factor de mudança e de modernidade ou que promova o turismo.

Resta esclarecer em que medida a capitalidade europeia de 2012 contribuiu para que a cidade de Guimarães e a região em que está inserida tenham dado contributos efectivos para os objectivos que a União definiu para tal iniciativa.

Pelo acompanhamento da gestão da Guimarães Capital Europeia da Cultura 2012, tive oportunidade de perceber que o saldo desta exemplar acção foi francamente positivo. Isso fica-se a dever, naturalmente e em primeiro lugar, ao seu equilibrado programa. Mas o facto de ter sabido implicar as instituições locais foi decisivo para tal sucesso. Não só ouviu as opiniões dos seus responsáveis e usou os seus espaços simbólicos, como implicou as associações locais nas suas realizações. Admito que o sucesso de Guimarães dependeu desse elevado nível de comprometimento e convivência. Foi, por exemplo, surpreendente o grau de envolvimento do comércio local, na exploração dos símbolos da iniciativa e na potenciação da autoestima local.

Houve claramente equilíbrio entre a exaltação dos valores de natureza mais patrimonial e a componente criativa e contemporânea. A cidade de Guimarães tem a inquestionável noção da importância do seu valor monumental e simbólico para o todo nacional português. Recorde-se que o seu centro histórico foi com justiça reconhecido merecedor de fazer parte da lista indicativa do Património Mundial da UNESCO.

Muito me surpreendeu que um estudo de públicos, mandado fazer pelos responsáveis da iniciativa, revelasse que a principal motivação do visitante europeu não coincidia com a do vulgar turista. Enquanto este era capaz de se ficar pela visita ao Castelo e ao Paço dos Duques de Bragança, o que é compreensível, o visitante atraído pela Capital Europeia de Cultura, mais sensível ao fenómeno contemporâneo, já justificava como motivação para a sua visita a vontade de compreender a capacidade criativa dos jovens portugueses.

Esta, para mim, é a verdadeira lição da experiência de Guimarães, que deixou uma profunda significação na cidade e nas suas instituições. A Cultura de um povo mede-se pela capacidade de representar o valor e o significado da sua história e das suas instituições, para assim construir autoestima colectiva. Mas também se avalia pelo génio criador dos seus cidadãos e pela capacidade de inovar e de ser prospectivo em relação ao seu próprio futuro, antecipando os seus efeitos e permitindo-lhe estar melhor prevenido em relação ao que esse futuro lhes possa reservar ou conceder em termos de incerteza.